

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ANNO VIII

ASSIGNATURA

Em Aveiro: 50 numeros, 1\$000 réis; 25 numeros, 500 réis.
Fôra de Aveiro: 50 numeros, 1\$125 réis; 25 numeros, 570 réis. Brazil (moeda forte) e Africa Oriental, 50 numeros, 2\$000 réis.—Pagamento adiantado.

Publica-se aos domingos

PUBLICAÇÕES

Annuncios, cada linha, 15 réis; no corpo do jornal, cada linha, 20 réis; annuncios permanentes, pregos convencionaes. Numero avulso, 20 réis, ou 100 réis no Brazil. — Redacção e administração, rua da Alfandega, n.º 7.

N.º 374

CARNAVAL POLITICO

ACTO I

Palacio moderno, typo arabe.
A' frente um grande largo, genero mourisco.

SCENA I

Mulheres e homens do povo. Luiz Lindo, aspirante ao lugar de recebedor da comarca. José Ourives, aspirante a emprego e amigo do Gran Vizir. João Barato, mestre d'obras e decifrador de *buenas dichas* e artes de berliques e berloques. Outros aspirantes e pretendentes. Depois o Gran Vizir.

Coro

O monarcha vae chegar. (1)
Todos gostam d'aqui 'star.
Estes ares
Bons logares
Fazem a gente apanhar.

Luiz Lindo

Eu sou nobre, eu sou fidalgo
Mas tambem quero ter dinheiro
Pois então d'estes tratantes
Pouco importa eu ser parceiro.

Trálará, lá, lá, lá, lá
Viva a orgia, o amor,
Vivam todos os bandidos
Mas seja eu recebedor.

Coro

Trálará, lá, lá, lá, lá
Viva a orgia, o amor,
Vivam todos os bandidos
Mas seja elle recebedor.

Luiz Lindo (falando.) — Recebedor na minha terra, está claro. Porque, enfim, emprego já eu tenho. Já não sou para ahí qualquer pelintra sem vintem. Ah! meus amigos! Mas que saudades, que saudades da minha querida patria, quando nas agnas do mar, em viagem para as ilhas, eu me lembro dos bons tempos que passei aqui. (Comovido) N'esses momentos parte-se-me o coração de dôr.

Um do grupo. — Deixe lá, sr. Luiz, deixe lá, não se apoquente, que sua magestade o nosso sultão, ou o alto e poderoso Gran Vizir hão de lhe valer. Se não fôra o cachorro do seu irmão, que anda mettido para ahí com os revolucionarios, talvez já estivesse servido.

Luiz Lindo (cerrando os punhos.) — Ah! miseraveis, que me hei de vingar... Mas, que me diz, mestre João?

João Barato (fumando no cachimbo, bonet turco na cabeça, typo completo de mussulmano sem escrupulos.) — Ah! Ah! Ah! (rindo) que lhe digo, sr. Luiz? Digo-lhe que se governe e que tenha juizo, que está em tempo de o ter. Se o sr. não se tivesse associado em tempos a esses maltrapilhos que osam murmurar do nosso grande e magnanimo sultão e do seu poderoso ministro, estaria o sr. hoje mais alto em graças e

riquezas que a torre da misericordia. Ainda assim, quem foi que o empregou ao sr.? Quem deu o titulo de visconde a seu nobilissimo irmão? Ainda bem que o sr. entrou em bom caminho. Eu que o diga, sr. Luiz, eu que o diga. Louvado seja o nosso sultão, que tantas libras me metteu no bolso nas obras reaes de Sá e que tantas me está mettendo agora nos trabalhos do Terreiro. Devido ás minhas habilidades de leitor de *buenas dichas* e de mestre em artes de berliques e berloques, é certo. E verdade é tambem que eu sempre reparti com sua magestade e que tenho cumprido á risca o meu papel de thesoureiro da real camara, guardando teias d'aranha nos cofres e dando todo o dinheiro a sua magestade. Lá ferrugem (sorrindo-se com ar velhaco) não tem as chaves, não senhor. Pois quando se fingem syndicancias para enganar esses trapolas da opposição? Ah! Ah! Ah! Então é que é ver-se, sr. Luiz. Limpo as teias d'aranha do cofre, sim senhor. Mas d'ahi a cinco minutos... está outra vez o dinheiro no bolso do meu senhor e os trapolas da opposição (rindo-se estrepitosamente) a julgarem que elle fica lá. Que palermas! Tenho, pois, prestado tambem os meus favores á situação. Mas isso não tira para o muito que devo a sua magestade. O que é isso comparado com os altos meritos e serviços do meu senhor, que Mahomet (curvando-se até ao chão) tenha em guarda e segurança? Sabe o que lhe digo, sôr Luiz?

Este mundo é ás avessas
E' um mundo mui ratão
Quem mais rouba mais honrado
Quem mais poupa mais ladrão.

Ora aprenda n'isto, sôr Luiz, siga o bom caminho em que entrou e deixe lá gritar os tolos.

(Entra o Gran Vizir.)

Coro

O nobre ministro!
Seu ar é sinistro!

O Gran Vizir (falando.) — Passassem muito bem!

Coro

Seus servos somos nós!

Gran Vizir (á parte e com amargura.)

Agora servos meus, e logo contra mim! São hoje certezãos os pés lambendo, Raivosos amanhã do audaz mastim Co'os dentes vão mordendo! (1)

(Alto) Não quereis que eu venha triste. Tenho empregado toda a minha vida em bem servir a minha patria. Puz sempre os in-

teresses publicos acima de tudo. Os meus serviços não teem conta. Os meus sacrificios são enormes. E ao cabo de trinta annos de trabalho e de abnegação, conspira-se contra mim, trama-se contra o meu nome, contra a minha segurança e talvez contra a minha vida. E não quereis que eu venha triste!

Luiz Lindo (hirto e tesinho) — Nobre e poderoso ministro, que dizeis? Onde se albergam os miseraveis que osam conspirar contra o vosso nome glorioso?

Gran Vizir (á parte.) — Este é dos taes que me hão de morder nas canellas. O que elle quer é posta! (Alto) E' uma seita que se formou ahí e que attenta contra a patria, contra a familia e contra a religião. Uma seita maldicta que, a proposito do acto reformador que eu acabo de praticar introduzindo no hospital umas santas mulheres, que só miram ao bem e á virtude, barafusta contra tudo e contra todos, não respeitando throno nem altar.

Luiz Lindo (cada vez mais hirto e estendendo o braço n'um gesto de vingança.) — Esmaga-se. Dizei-me quem é o chefe e eu me encarregarei de lhe cravar no coração o punhal da justiça.

João Barato (á parte.) — Ai que se elle me convidar!... Lá sósinho não vae elle. Precisa de mais dois, pelo menos, para matar o tal chefe. Mahomet me valha!

D. Secretario da Policia (entrando pela direita e annunciando.) — O Grão Turco, nosso sultão e senhor. (Os circumstantes correm á direita, cruzam os braços sobre o peito e dobram-se quasi até ao chão. Luiz Lindo está na frente e é o que se dobra mais. Ouvem-se muito perto os toques de cornetas e charamellas. Vão entrando duas filas de escravos e escravas cantando. Principia-se a avistar um palanquim aos hombros de seis homens, em cima do qual veem o sultão e o principe imperial seu successor.)

SCENA II

Os mesmos, o sultão, o principe imperial, o chanceller do imperio, orchestra, fidalgos, policias, soldados etc.

Coro dos Escravos

Louvor e louvor
Ao nosso senhor
Que cura doencas
Que dá indulgencias.

E manda pr'o céu os peccadores
Porque o affligem nossas dores.

Louvor e louvor
Ao nosso senhor
Que terá delicias
E fará caricias.

Ao guerreiro fero que d'espada em punho
Ou um Alexandre Magno que sem tardar
De cães ferozes, cruéis, perseguidores
A Europa bella conseguir limpar.

Louvor e louvor
Ao nosso senhor
Que terá ternuras
E dará venturas.

Aos que a patria amada explorando
Souberem de pulso rijo e mestre a mão
No campo do vicio e roubos largos
Este mundo abalar de sensação.

Todos

Este mundo abalar de sensação!

O regente da orchestra (D. Silverio Flautim Pernalta.) — Viva o grande e poderoso sultão Manuel Firmino Tchim Tchim Pantomineiro Magno!

Todos. — Viva!

(Os escravos pousam o palanquim. O sultão e o principe real levantam-se tranquillamente e são logo cercados d'um tropel de homens e mulheres que lhes pretendem beijar a mão.)

O sultão Tchim Tchim Pantomineiro Magno. — Meus filhos e minhas filhas, eu vos de- sejo todas as felicidades e venturas, aos vossos meninos, á vossa familia toda. O meu coração é vosso. E' vosso tudo quanto eu possuo. O meu amor por vós é o amor d'um pae que vos viu nascer, que vos criou, que vos dedicou toda a sua existencia. O que quereis, meus filhos, o que quereis que eu não vos possa dar? Estou velho, mas aprouve á Providencia dar-me um filho, digno continuador de mim proprio. N'elle se reflecte toda a minha alma, todo o meu sér. Hoje, que se festeja na capital dos meus estados o anniversario natalicio d'esse meu illustre filho, aqui vo-lo apresento officialmente pela primeira vez. Aqui o tendes. (Pega na mão do principe real para o trazer ao meio da scena.)

D. Silverio Flautim Pernalta. — Viva sua alteza Fernando Achmed Salafriario e Pilhador I!

Todos. — Viva!

O sultão Tchim Tchim Pantomineiro Magno. — Vamos, meus filhos, haveis de pretender alguma coisa. Hoje é dia de conceder graças. Pedi.

Um homem do povo. — De-sejo o meu filho livre do recrutamento, porque é o meu unico amparo.

Sultão. — Concedido.

Outro popular. — Meu senhor, em volta da minha casa não ha senão lamaças. São uns caminhos horriveis. Eu desejava uma estrada, meu senhor.

Sultão. — Concedido. Terás a estrada, meu filho. Ah! tens tu o desleixo dos meus antecessores. O que elles sabiam era explorar, explorar o povo. Para o servir cá estou eu.

Outro. — Meu senhor, a policia deitou-me uma multa. E eu sou pobre, meu senhor, não posso pagar.

Sultão. — Esta gente, esta gente! Quando eu não vejo tudo e

quando eu não faço tudo é logo d'isto. Pobre povo, que todos lhe teem má vontade! Estás perdoado, meu filho.

Uma mulher. — Oh, sr. sultão! Olhe que o sr. seu commissario não deixa agora a gente fazer os despejos nos chafarizes. E eu não os hei de fazer debaixo da cama. Que tal está! E' tudo em cima dos pobresinhos. Os pobresinhos pagam tudo.

Sultão. — Ih, Jesus! Que gente, que gente! Estão todos doídos. Eu a fazer e elles a desfazerem. Minha filha, faz os teus despejos onde tu quizeres.

Um creado (entrando esbaforido.) — Meu senhor, uma formosa mulher que dá pelo nome de D. Imprensa acaba de invadir violentamente as prisões do estado e de soltar todos os cães que vossa magestade tinha mandado prender quando subiu ao poder.

Sultão. — Maldição! Os meus estados cheios outra vez da canzoada infernal. Soldados, policias, povo, amigos, vós todos, correi a salvar a minha corôa e as minhas canellas.

(Os policias correm de sabres desembainhados. Acompanham-n'os alguns soldados e populares.)

SCENA III

Os mesmos e Francisco Refugado Agua Forte e Salsifré.

Salsifré

Horror, horror,
Meu bom senhor!

(Falando) Um cão enorme acaba d'engulir d'um trago o mais notavel publicista do nosso reinado, o excelso, o illustre, o saudoso Manuel Ceguinho que Deus haja. E' espantosa a sensação na cidade. D. Imprensa agita tudo. Os cães cercam o palacio de vossa mulher e de vossas filhas e ameaçam engulir quanto encontrarem. Em vão João Barato lhes acena com as reaes obras de Sá e do Terreiro para os fatar com concessões escandalosas á custa do thesouro publico. O Antonio da Lá, o Francisco das Chitas e o Antonio das Batatas debalde lhes prometteram tambem as libras que nos proximos seis mezes arrancarem aos papalvos recenseados para o serviço militar e que devem subir a uma quantia respeitavel. Como recurso extremo pediu-se ao Pamporrilhas, que é bom dentista como vossa magestade sabe, que tirasse os dentes aos cães. Mas um d'estes ia comendo os braços ao pobre do artista. (Ouve-se um latido violento que se aproxima com velocidade rapida.) Jesus, Jesus, que elles ahí veem!

Fernando Salafriario e Pilhador I (correndo do lado direito onde tinha ido espreitar a rua.) — Oh papá, papá, eu nunca tive medo de cães, mas estes agora são do tamanho d'elephantes!

Sultão Pantomineiro Magno (fugindo para cima de um

(1) Musica e letra do Barba Azul.

(1) Musica e letra do Barba Azul.

